

LITERATURA E COGNIÇÃO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR PARA A COMPREENSÃO DA LEITURA

LITERATURE AND COGNITION: AN INTERDISCIPLINARY APPROACH TO UNDERSTANDING READING

LITERATURA Y COGNIÇÃO: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINARIO PARA LA COMPRENSIÓN DE LA LECTURA

Guilherme Magri da Rocha¹
Diana Navas²

RESUMO

Este artigo explora a intersecção entre a ciência cognitiva e os estudos literários, investigando como a estética da recepção pode ser enriquecida pela teoria cognitiva na formação do leitor literário. O estudo adota uma abordagem interdisciplinar, utilizando uma revisão teórica para analisar o impacto das perspectivas cognitivas sobre os processos de leitura e interpretação. Fundamentado em autores como Maria Nikolajeva, Joanne Marie Purcell, G. Gabrielle Starr, Bettina Kummerling-Meibauer e Jörg Meibauer, o texto destaca como a integração dessas teorias pode informar metodologias de pesquisa em letras e práticas educacionais. Ao explorar essa interação, o artigo sugere que uma compreensão mais profunda da dinâmica entre leitor e obra literária pode contribuir para uma apreciação mais significativa da literatura, promovendo um desenvolvimento humano integral.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; ciência cognitiva; teoria da recepção; estética; formação do leitor.

ABSTRACT

This article explores the intersection between cognitive science and literary studies, investigating how reception aesthetics can be enriched by cognitive theory in the formation of the literary reader. The study adopts an interdisciplinary approach, using a theoretical review to analyze the impact of cognitive perspectives on the processes of reading and interpretation. Grounded in the work of scholars such as Maria Nikolajeva, Joanne Marie Purcell, G. Gabrielle Starr, Bettina Kummerling-Meibauer, and Jörg Meibauer, the text highlights how integrating these theories can inform research methodologies in literature and educational practices. By exploring this interaction, the article suggests that a deeper understanding of the dynamics between reader and literary work can contribute to a more meaningful appreciation of literature, fostering holistic human development.

keywords: literature; cognitive science; reception theory; aesthetics; reader formation.

RESUMEN

Este artículo explora la intersección entre la ciencia cognitiva y los estudios literarios, investigando cómo la estética de la recepción puede enriquecerse con la teoría cognitiva en la formación del lector literario. El estudio adopta un enfoque interdisciplinario, utilizando una revisión teórica para analizar el impacto de las perspectivas cognitivas en los procesos de lectura e interpretación. Basado en los trabajos de autores como Maria Nikolajeva, Joanne Marie Purcell, G. Gabrielle Starr, Bettina Kummerling-Meibauer y Jörg Meibauer, el texto destaca cómo la integración de estas teorías puede informar metodologías de investigación en letras y prácticas educativas. Al explorar esta interacción, el artículo sugiere que una comprensión más profunda de la dinámica entre el lector y la obra literaria puede contribuir a una apreciación más significativa de la literatura, promoviendo un desarrollo humano integral.

PALABRAS CLAVE: literatura; ciencia cognitiva; teoría de la recepción; estética; formación del lector.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Orcid: 0000-0002-2091-9116.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Orcid: 0000-0002-4516-5832.

Quando lemos romances, somos treinados a inferir os estados mentais dos personagens em termos do que eles conhecem, acreditam, desejam e pretendem. A leitura de ficção é, por excelência, uma prática de “teoria da mente”.
Lisa Zunshine

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um artigo publicado no *New York Times*, em 31 de março de 2010, Patricia Cohen explora a crescente convergência entre a literatura e a ciência, especificamente os estudos literários cognitivos. Uma das entrevistadas da jornalista é Lisa Zunshine, professora de Inglês da Universidade de Kentucky, que utiliza um episódio da série “Friends” para ilustrar a importância do estudo da mente e da percepção na análise literária. Ela explica que a capacidade de decifrar o que alguém está pensando, conhecida como leitura da mente, não apenas é um dispositivo comum na literatura, mas também uma habilidade essencial para a sobrevivência humana e afirma que professores e estudantes de literatura estão se voltando para a ciência em busca de respostas sobre nossa conexão com a ficção. A integração entre a literatura e a psicologia cognitiva, conclui o artigo, está trazendo novas perspectivas para os departamentos de inglês nas universidades, que cada vez mais enfrentam desafios financeiros e críticas sobre o valor das humanidades.

A frase de Lisa Zunshine que inicia este texto destaca como a leitura de romances nos conduz a inferir e compreender os estados mentais dos personagens, ou seja, seus pensamentos, conhecimentos, crenças, desejos e intenções. Ela sugere que quando nos envolvemos com obras de ficção, somos desafiados a entrar na mente dos personagens, a entender o que eles estão pensando e sentindo, mesmo que não haja uma narrativa explícita sobre isso. Essa prática é fundamental para o que é conhecido como “teoria da mente”, que é a habilidade humana de atribuir estados mentais aos outros e entender que esses estados mentais podem ser diferentes dos nossos próprios. Em suma, ao ler ficção, estamos constantemente exercitando nossa capacidade de compreender e interpretar os estados mentais dos personagens, o que enriquece nossa experiência de leitura e nossa compreensão da complexidade humana.

Zunshine (2022) explica que seres humanos podem acompanhar confortavelmente até três estados mentais simultaneamente (exemplo: João *sabe* que Maria *finje não entender* o que Pedro *quer dizer*), o que tem implicações para a compreensão da narrativa e da interação social na literatura. Esse interesse na interseção

entre literatura e ciência cresceu nos últimos anos, com seminários sobre teoria cognitiva e artes e projetos de pesquisa explorando os mecanismos cerebrais envolvidos na leitura. Além disso, Cohen (2010) destaca o trabalho de outros estudiosos, como Blakey Vermeule, que examina a evolução e a técnica narrativa do discurso indireto livre. A matéria do *New York Times* aponta que a interação entre ciência e literatura promete oferecer novas perspectivas sobre a evolução humana, a natureza da ficção e até mesmo os fundamentos da cognição. E pode ela, também, auxiliar nos estudos recepcionais?

Convencionou-se chamar de teoria da recepção a ramificação dos estudos literários preocupada com as maneiras pelas quais as obras literárias são recebidas por seus leitores. Esse conceito tem sido usado para se referir tanto à resposta do leitor (em inglês, *reader-response*) quanto à “estética da recepção” (em alemão, *Rezeptionsästhetik*), conforme delineada na década de 1970 pelo escritor e crítico literário Hans Robert Jauss (1921-1997). Baseando-se na hermenêutica filosófica, Jauss argumenta que as obras literárias são confrontadas com horizonte de expectativas de quem as lê. Esse horizonte nada mais é do que o conhecimento prévio do leitor e suas pressuposições durante a leitura. Pressuposições essas que podem ser alteradas à medida que tais horizontes se alteram. Nesse sentido, o foco de sua teoria está em como mudanças históricas afetam o público leitor. Ou seja, não se discute o leitor como um agente solitário, que responde de forma singular àquilo que lê. Este é o papel da *reader-response*.

A *reader-response* pode ser compreendida mais como uma “preocupação compartilhada” como uma teoria. Nela, um grupo de críticos se debruça sobre as contribuições dos leitores aos significados das obras literárias. Por abarcar uma quantidade maior de críticos, essa corrente é necessariamente interdisciplinar: o texto literário, como sabemos, pode ser abordado a partir do estruturalismo, da psicanálise, da fenomenologia, entre outros. O elo em comum, que coloca esses estudos sob um mesmo prisma, é o interesse na produção de significados dentro do processo de leitura. Contribuições importantes para esse debate incluem *The Act of Reading*, de Wolfgang Iser (1978), o qual vê nos leitores verdadeiros “atualizadores” de textos, que preenchem seus “vazios” e suas indeterminações de significado; e *Is there a text in this class?*, de Stanley Fish (1980), que atribui ao leitor um papel ainda mais ativo como verdadeiro produtor do texto. Infelizmente, dessa última obra, só temos o décimo-terceiro capítulo, de título homônimo, traduzido para o português brasileiro: em 1992, o referido texto foi

traduzido pelo professor da UNESP Rafael Eugenio Hoyos-Andrade e publicado na revista *Alfa*, publicação contínua financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

A discussão da recepção de leitura no Brasil teve como obra pioneira o volume *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1988), de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, que teve um impacto significativo nos estudos relacionados ao ensino de literatura dentro do contexto escolar brasileiro. Conforme explicam Eliane Ferreira e Thiago Valente (2021), este trabalho trouxe à tona uma série de reflexões essenciais que ainda ecoam nas discussões educacionais do país. Nele, as autoras propuseram cinco métodos para trabalhar com literatura em sala de aula: Método Científico, Método Criativo, Método Recepional, Método Comunicacional e Método Semiológico. A obra permanece relevante devido às suas práticas testadas com alunos e à sua aplicabilidade contínua, especialmente ao enfatizar a importância do leitor no sistema literário. Nesse contexto, a teoria da recepção, especialmente associada aos trabalhos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, desempenha um papel crucial, pois permeia não apenas o Método Recepional proposto por Bordini e Aguiar, mas também serve como uma lente através da qual os educadores podem repensar suas práticas pedagógicas e promover uma abordagem mais inclusiva e participativa no ensino de literatura.

Em “Estética da Recepção: por uma proposta de pesquisa em Letras”, Ferreira e Valente (2021) afirmam ser necessário retomar investigações abrangentes que visem a compilação de dados e análises relevantes sobre os hábitos de leitura tanto dentro quanto fora das instituições escolares e observam que muitas produções acadêmicas recentes carecem de um planejamento sistemático em seus grupos de estudos. Eles propõem uma integração mais efetiva entre os trabalhos de análise, possibilitando estudos mais articulados que abordem questões educacionais e literárias de forma abrangente e contínua em todo o país. Nesse contexto, os pesquisadores enxergam a estética da recepção como uma abordagem contemporânea e relevante, convidando os interessados em literatura e ensino de literatura a realizarem investigações sensíveis e cuidadosas sobre o acesso à literatura por parte das crianças e jovens brasileiros, muitos dos quais ainda enfrentam barreiras para uma apreciação plena dos textos literários.

Este artigo, por sua vez, nasceu desta provocação final e pretende apontar de que forma a teoria cognitiva pode contribuir com a estética da recepção como metodologia de pesquisa em letras e de que maneira podemos associá-la à formação do leitor

literário, conforme focado por Ferreira e Valente (2021). Por uma questão de espaço, não proporemos aqui possibilidades de leituras de obras literárias a partir da crítica cognitiva, mas explicaremos alguns de seus principais conceitos e de que forma acreditamos que estes podem ser úteis na análise literária recepcional como tem sido realizada por pesquisadores brasileiros.

NARRATIVA, COGNIÇÃO E CULTURA

David Richter (2016) considera a teoria cognitiva uma das abordagens mais recentes e influentes no campo dos estudos literários. Embora se possa remontar a teoria cognitiva até Platão, a disciplina contemporânea provavelmente teve seu início com Noam Chomsky que, na década de 1960, propôs a ideia de que as línguas não são simplesmente produtos culturais arbitrários, mas têm estruturas profundas que refletem uma predisposição inata nos seres humanos para adquiri-las. Essa “provocação”, como fora vista por muitos estudiosos na referida década, desencadeou uma série de pesquisas interdisciplinares sobre a relação entre a mente e o cérebro, que acabou por revelar que o processamento da língua ocorre em áreas específicas do órgão. Isso impulsionou avanços significativos na neurociência, fornecendo material sobre como o cérebro humano funciona em relação à linguagem e à cognição.

Ainda conforme o autor, o desenvolvimento e a disseminação do processamento de dados por computador desde a década de 1970 proporcionaram outro impulso para a teoria cognitiva, pois a compreensão da programação linear criou uma analogia valiosa para entender como o cérebro humano opera. Conforme sumariza o americano, foi a partir da percepção de que o processamento cognitivo não é linear, mas sim uma rede de “computadores” interconectados que passamos a compreender melhor a complexidade do pensamento humano e sua relação com a computação.

Essa intersecção entre neurociência e teoria cognitiva, insiste Richter (2016), também levanta questões mais amplas sobre a relação entre natureza e cultura. Os psicólogos cognitivos argumentam que conceitos literários, como metáfora e metonímia, não são apenas figuras de linguagem, mas reflexos dos processos mentais fundamentais envolvidos na compreensão do mundo ao nosso redor, como veremos adiante. Ademais, a “narrativa básica”, desde contar histórias sobre predadores até relatos sobre suprimentos de alimentos, desempenhou um papel crucial na evolução humana, contribuindo para a sobrevivência e sucesso da espécie *Homo sapiens*.

Para Joanne Marie Purcell (2018), assim como os estudos feministas ou culturais, a ciência cognitiva abrange várias disciplinas, como neurociência, psicologia, antropologia e linguística, e se concentra no processamento mental ativo que torna o comportamento humano compreensível. Quando essa teoria é aplicada à literatura, ela investiga como as práticas de contar histórias afetam a mente dos leitores, levando em consideração aspectos cognitivos e emocionais. Além de examinar como os leitores interagem com a ficção, a teoria literária cognitiva examina por que a leitura de ficção faz com que o cérebro produza respostas emocionais e cognitivas nos leitores, mesmo quando estes reconhecem a ficção como uma representação linguística e/ou pictórica do mundo real. Nesse contexto, a narrativa é eficaz pois avalia a qualidade da experiência humana.

Conforme Bettina Kümmerling-Meibauer e Jörg Meibauer (2023), podemos encontrar várias abordagens teóricas que se baseiam nos estudos cognitivos para interpretar textos literários e outras formas de mídia. Essas abordagens incluem a crítica cognitiva, a poética cognitiva e a estilística cognitiva, entre outras. O que todas essas abordagens têm em comum é a consideração da base contextual das obras artísticas, ou seja, como o contexto influencia a compreensão e interpretação dos livros. Dentro dos estudos cognitivos da literatura, são explorados diversos tópicos, como *deixis*³ (indexicalidade), esquemas mentais⁴, *scripts*⁵, metáforas conceituais⁶, protótipos⁷ e

³ Refere-se à capacidade da linguagem de apontar para elementos no contexto de comunicação. Deixis lida com palavras ou expressões cujo significado varia de acordo com o contexto, como pronomes pessoais (“eu”, “tu”), demonstrativos (“este”, “aquele”) e advérbios de lugar ou tempo (“aqui”, “agora”). Essas palavras não têm um significado fixo, mas dependem da situação em que são utilizadas.

⁴ Estruturas cognitivas que ajudam na organização e compreensão de informações. Esquemas mentais são modelos mentais que as pessoas usam para interpretar e processar o mundo ao seu redor. Na literatura, os esquemas mentais podem influenciar como os leitores percebem e compreendem personagens, enredos e temas.

⁵ Esquemas mentais que representam conhecimento sobre eventos ou situações específicas. Eles descrevem as ações esperadas e os resultados típicos associados a determinados contextos. Na literatura, os scripts podem moldar as expectativas dos leitores sobre o que vai acontecer em uma história com base em convenções narrativas estabelecidas.

⁶ Metáforas que estruturam nosso pensamento e percepção ao mapear conceitos de um domínio familiar para um menos familiar. Por exemplo, a metáfora “tempo é dinheiro” estrutura nossa compreensão do tempo em termos de recursos valiosos. Na literatura, as metáforas conceituais podem influenciar como os leitores entendem temas e imagens simbólicas.

⁷ Representações mentais de categorias que capturam as características mais típicas ou essenciais dos membros dessa categoria. Por exemplo, o protótipo de “ave” pode incluir características como ter penas, asas e voar. Na literatura, os protótipos podem influenciar a forma como os leitores percebem e categorizam personagens e conceitos.

narratologia cognitiva⁸. Essas áreas de estudo nos permitem entender melhor como os leitores processam e compreendem os textos literários.

Maria Nikolajeva (2014), cujo trabalho exemplar diz respeito ao subsistema infantil, destaca quatro maneiras importantes pelas quais os estudos literários cognitivos podem influenciar positivamente a análise desta literatura. Em primeiro lugar, ela defende veementemente a importância da leitura e da alfabetização, não apenas como habilidades básicas, mas como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento intelectual, social, emocional e ético das crianças. A literacia, segundo Nikolajeva, vai além da simples decodificação de letras e palavras; envolve também compreensão, empatia e capacidade de reflexão crítica. Em segundo lugar, Nikolajeva destaca a posição singular do leitor implícito na narrativa e como essa perspectiva cognitiva única influencia a interpretação da história, tanto pelos narradores quanto pelos leitores reais. Para a pesquisadora, reconhecer essa perspectiva é crucial para uma análise mais profunda da literatura infantil, pois permite entender como diferentes públicos podem interpretar e responder às histórias de maneiras diversas.

Em sua obra, Nikolajeva (2016) levanta questões sobre como essas novas abordagens na análise literária se relacionam com o campo da literatura infantil da maneira como este foi construído e destaca a importância de considerar o nível cognitivo do público-alvo ao adaptar teorias literárias cognitivas para a pesquisa em literatura infantil. Ela enfatiza a necessidade de a obra literária abordar temas fraturantes de maneira eficaz para os jovens leitores, sem ser excessivamente didática ou de correr o risco de ser mal interpretada. Além disso, destaca a importância de oferecer novas interpretações, que desafiem as convenções estabelecidas. Um exemplo marcante é sua análise da aparente falta de empatia de Lyra na série *Fronteiras do Universo*. Ao examinar o contexto cultural da protagonista, a pesquisadora revela que a ausência de empatia não é necessariamente uma falha de caráter, mas sim uma adaptação a um ambiente onde as emoções são expressas de forma mais direta pelos *daemons*, seres que acompanham cada pessoa em sua jornada.

Por fim, Nikolajeva (2014) reforça a ideia de que a leitura de ficção não é apenas uma atividade recreativa, mas sim uma parte vital do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Ela argumenta que a imersão em mundos fictícios não só

⁸ Campo de estudo que combina teorias da narrativa com a psicologia cognitiva para entender como os seres humanos criam, percebem e compreendem narrativas. A narratologia cognitiva examina como fatores cognitivos, como memória, atenção e inferência, influenciam a interpretação de histórias.

estimula a imaginação e a criatividade, mas também ajuda a desenvolver habilidades de pensamento crítico, empatia e compreensão emocional, destacando como as narrativas moldam a experiência humana de maneiras profundas e significativas. Estas considerações estão em consonância com Zilberman (2017) que, neste periódico, afirmou que a literatura desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão social e da empatia entre os leitores por meio de diversas estratégias.

Por sua vez, Blakey Vermeule (2009), em *Why Do We Care about Literary Characters?* explora os motivos pelos quais os leitores se envolvem emocionalmente com os personagens literários. Ela sugere que os personagens literários são como ferramentas para nos ajudar a pensar. Eles nos ensinam a entender melhor as pessoas, a detectar comportamentos desonestos e a lidar com situações sociais complexas. Em suma, a leitura de ficção tem benefícios sociais. Além disso, o livro discute como a identificação com os personagens pode afetar a forma como os leitores percebem a si mesmos e o mundo ao seu redor. Nesse contexto, as pesquisas sobre literatura e cognição buscam compreender como o cérebro humano processa textos literários e como isso influencia a experiência de leitura.

No que se refere especificamente ao ato de ler, G. Gabrielle Starr (2018) explica que ele envolve uma intrincada interação entre diversas regiões do cérebro, bem como das habilidades cognitivas adquiridas ao longo do tempo por meio de experiência e educação. Desde a infância, os fundamentos funcionais desse processo começam a se estabelecer, culminando na emergência da capacidade de decodificação, geralmente nos primeiros anos de vida. Ela retoma o “modelo arbustivo⁹” de leitura de Stanislaus Dehaene, no qual as percepções visuais são processadas e transformadas em unidades linguísticas, como letras e palavras que, por sua vez, são associadas a sons e significados. Assim, a leitura é uma atividade dinâmica, guiada por processos de atenção, permitindo ao leitor envolver-se com o texto enquanto lida com as distrações decorrentes da complexidade da atividade neural envolvida na leitura.

Ao longo do processo de leitura, é essencial considerar a sobreposição entre as regiões cerebrais envolvidas na atividade de leitura e da informação autobiográfica, diz

⁹ Nesse modelo, a compreensão da linguagem escrita é comparada ao crescimento de um arbusto, onde as informações visuais são capturadas pelos receptores visuais do cérebro e transformadas em unidades linguísticas básicas, como letras e grupos de letras. Essas unidades são então associadas a sons e significados, ativando áreas do cérebro relacionadas à compreensão da linguagem. Ao longo desse processo, conexões neurais são formadas e fortalecidas, criando redes complexas que facilitam a interpretação e a compreensão da escrita. A metáfora do “modelo arbustivo” destaca a natureza dinâmica e interconectada do processamento da leitura, ilustrando como múltiplos caminhos e conexões são empregados para compreender a linguagem escrita.

Starr. Em linhas gerais, a rede de modo padrão, responsável pela lembrança do passado, pela imaginação do futuro e pela simulação de estados mentais de outras pessoas, possui uma considerável interação com as redes neurais relacionadas à leitura. Essa sobreposição destaca a complexidade da atividade cerebral durante o processo de leitura, uma vez que a atenção do leitor às palavras no texto deve ser equilibrada com as distrações provenientes de outras áreas cerebrais.

Além disso, a pesquisadora afirma que o cérebro responde de maneira distinta à leitura de textos de ficção e de informações factuais. Quando os leitores se engajam em textos de ficção, diferentes regiões do cérebro, incluindo partes-chave da rede de modo padrão, são ativadas de forma mais intensa. Isso sugere que a leitura de ficção não é apenas um processo de processamento de informações, mas também envolve a criação ativa de mundos fictícios pelos leitores. Essa descoberta destaca o papel único e multifacetado da leitura na estimulação das atividades cerebrais e na promoção da imaginação e da criatividade. Assim, a leitura não é apenas um exercício cognitivo; é uma experiência estética que desafia as fronteiras entre realidade e ficção, estimulando o pensamento crítico e a apreciação estética.

Discutamos, agora, a experiência à luz da metáfora conceitual.

CONEXÕES COGNITIVAS E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Em seu estudo pioneiro, “Metaphor and the conceptual context of invention” (Metáfora e o contexto conceitual da invenção) (1990), Mark Turner argumenta que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas uma parte fundamental do processo cognitivo humano. Ele sugere que a metáfora desempenha um papel crucial na invenção de novas ideias e conceitos, pois está profundamente enraizada em nosso pensamento e compreensão do mundo.

A teoria mais influente sobre metáforas é aquela apresentada por George Lakoff e Mark Johnson em *Metaphors We Live By* (2008). Lakoff e Johnson argumentam que o sistema conceitual humano comum é fundamentalmente metafórico e que os pensamentos podem ser agrupados em categorias expressas por meio de metáforas conceituais. Por exemplo, pense na metáfora conceitual “VIDA É UMA JORNADA” (essas metáforas são escritas em maiúsculas). Isso implica que as pessoas tentam “chegar a algum lugar” na vida, “encontrar seu caminho”, “saber para onde estão indo”,

“enfrentar obstáculos”, entre outras. Baseadas na experiência corporal, as metáforas conceituais estão no cotidiano.

As metáforas são facilmente compreensíveis e compartilhadas porque fazem uso de estruturas fundamentais chamadas esquemas (em inglês, *schemas*). Conforme Starr (2018), esquemas são padrões mentais que desenvolvemos a partir de como interagimos com o mundo físico, especialmente através do movimento. Por exemplo, um esquema de "cachorro" inclui todas as informações que temos sobre essa entidade: sua aparência, comportamento, som, cheiro e assim por diante. Quando encontramos um animal de quatro patas com orelhas pontudas e pelo, nosso esquema de “cachorro” é ativado, permitindo-nos reconhecer e interpretar o que estamos vendo como um cachorro. Esses esquemas nos ajudam a categorizar, compreender e interagir com o mundo de forma eficiente, permitindo-nos fazer inferências rápidas e tomar decisões com base em nosso conhecimento prévio. Ao longo do tempo, nosso cérebro desenvolve esquemas que conectam essas experiências, permitindo que entendamos rapidamente e sem esforço uma variedade de metáforas relacionadas ao movimento e resistência, a partir de nosso conhecimento prévio.

As metáforas não apenas comunicam conceitos, mas também os moldam e os tornam acessíveis. Por exemplo, quando falamos sobre o “CAMINHO PARA O SUCESSO”, estamos usando uma metáfora que conceitualiza o sucesso como algo que pode ser alcançado através de um processo linear e direcionado, semelhante a percorrer um caminho. Essa metáfora não apenas comunica a ideia de êxito, mas também influencia a maneira como pensamos sobre ele, sugerindo que o triunfo é alcançável através de esforço e direção. Quando uma pessoa associa conceitos aparentemente não relacionados através de uma metáfora, ela pode visualizar um problema ou conceito de uma perspectiva completamente nova. Além disso, as metáforas desafiam as convenções linguísticas e conceituais, incentivando as pessoas a pensar de maneira não convencional e a explorar novas possibilidades. Por exemplo, a metáfora shakespeariana “O MUNDO É UM PALCO” sugere que a vida é como uma peça teatral, com diferentes pessoas desempenhando papéis e cenários em constante mudança. Essa metáfora pode estimular a criatividade ao encorajar as pessoas a considerar suas próprias vidas como histórias em desenvolvimento, cheias de oportunidades para experimentação e crescimento.

Nesse sentido, podemos considerar que a metáfora, como componente do conhecimento cultural compartilhado, orienta o desenvolvimento linguístico e

cognitivo, estimulando habilidades de decodificação e pensamento criativo. Por ser uma característica tanto da linguagem quanto do pensamento, o significado metafórico é acessível aos leitores quando eles empregam o processo de fusão cognitiva. Conforme Joanne Marie Purcell (2016), a metáfora é uma ferramenta útil para autores e ilustradores interessados em promover ideologias de crescimento, introduzindo a importância cultural do “crescer” desde cedo e reafirmando-a conforme as crianças crescem.

Quando pensamos na formação do leitor mirim, no entanto, a preocupação com “jornadas” de crescimento em livros infantis levanta questões sobre sua aplicabilidade a todas as crianças, especialmente as mais velhas. Para Nikolajeva (2014), a teoria cognitiva explora a literatura infantil como uma ferramenta que ensina as crianças, não de forma didática ou moralizante, mas como um encontro ético que pode expandir as habilidades cognitivas dos pequenos leitores.

Em consonância com Purcell (2018), acreditamos que a teoria cognitiva, combinada aos estudos de recepção, oferece uma lente analítica poderosa para explorar os mecanismos subjacentes à maneira como a leitura de ficção pode desencadear respostas emocionais e cognitivas nos leitores, especialmente crianças. As metáforas, componentes essenciais da linguagem e do pensamento, desempenham um papel fundamental nesse processo. Ao examinarmos como elas são empregadas em livros ilustrados, por exemplo, somos levados a um terreno fértil para aplicar os princípios da teoria literária cognitiva. Essa abordagem não apenas promove habilidades de decodificação e pensamento criativo, mas também introduz as crianças a um aspecto crucial da linguagem humana, oferecendo um arcabouço conceitual que facilita uma compreensão mais profunda e uma expressão mais rica de ideias. Por meio da análise das metáforas presentes nessas obras, podemos avançar significativamente em nossa compreensão sobre como o processo de leitura influencia o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, enriquecendo suas vidas e proporcionando-lhes uma experiência literária mais envolvente e gratificante.

A pesquisadora (2018) conclui que o estudo crítico de como autores e ilustradores de livros ilustrados dependem e ensinam metáforas revela um meio pelo qual ideias culturais são transmitidas às crianças, proporcionando uma nova maneira de pensar sobre a contação de histórias e, conseqüentemente, sobre o pensamento em si mesmo. Uma abordagem cognitiva ao estudo da metáfora tem o potencial de informar práticas educacionais, enriquecendo a compreensão e expressão de ideias e promovendo

um envolvimento mais rico com o mundo ao redor. Entender como a metáfora opera em livros ilustrados é mais um passo em direção à compreensão de como o processo de leitura influencia cognitivamente e emocionalmente as crianças, enriquecendo suas vidas e destacando a importância fundamental da leitura para o crescimento pessoal das crianças.

Segundo Bettina Kummerling-Meibauer e Jörg Meibauer (2013), que estudam a aquisição de linguagem, deve-se elaborar uma teoria em comum que explore como essa aquisição e a apreciação da literatura interagem, e como essas interações podem influenciar outros processos cognitivos, como percepção visual ou desenvolvimento emocional. Esta é uma tarefa complexa e abrangente, que requer cooperação interdisciplinar e um trabalho contínuo ao longo de muitos anos. Neste contexto, para ilustrar melhor o desenvolvimento de uma teoria cognitiva de livros ilustrados, eles se concentram em três aspectos específicos. Primeiro, a aquisição de domínios conceituais através de livros ilustrados descritivos, que apresentam imagens de objetos cotidianos e ajudam na categorização e aprendizado lexical. Segundo, a aquisição de conceitos morais, como mentir, que pressupõe o desenvolvimento das habilidades relacionadas à teoria da mente da criança. E terceiro, o papel dos mapas na compreensão das narrativas de livros ilustrados, que requerem habilidades precoces de compreensão espacial e temporal.

Um elo comum entre Prucell (2016), Kummerling-Meibauer e Meibauer (2013) e Nikolajeva (2014) é o estudo da teoria da mente.

A COMPLEXIDADE DOS ESTADOS MENTAIS NA LITERATURA

Conforme Lisa Zunshine (2022), um elemento essencial na construção de universos literários pelo leitor é a capacidade de entender as experiências emocionais dos personagens. Nesse sentido, a obra avulta em seu leitor sentimentos como a empatia. Em abordagens cognitivistas, a teoria da mente é frequentemente usada como um modelo para compreender como os indivíduos atribuem pensamentos, sentimentos e motivações aos outros, com base em suas ações, palavras e expressões faciais, seja na relação leitor-texto, narrador-personagem ou personagem-personagem. Essa capacidade de inferir o conteúdo mental é uma habilidade universal geralmente desenvolvida após os 3 ou 4 anos de idade. No entanto, indivíduos com diferenças neurocognitivas, como autismo, ou distúrbios como esquizofrenia ou demência, podem apresentar variações

nesse aspecto. A teoria da mente é fundamental para o funcionamento da linguagem e das interações sociais, sendo crucial para avaliar situações sociais e manter laços interpessoais. Portanto, mesmo que não percebamos conscientemente, usamos essa capacidade em praticamente todos os encontros sociais, contribuindo para nossa adaptação e sucesso no mundo social.

Como explicado anteriormente, é dado o nome de teoria da mente à habilidade cognitiva fundamental que nos permite compreender e atribuir estados mentais, como crenças, intenções, desejos e emoções, a nós mesmos e aos outros. Envolve reconhecer que as pessoas têm perspectivas diferentes das nossas e ser capaz de interpretar e prever seu comportamento com base nesses estados mentais. Segundo Zunshine, essa habilidade é essencial para a interação social, comunicação e empatia, pois nos permite navegar pelas complexidades dos mundos sociais fictícios e nos envolvermos com personagens em um nível mais profundo.

Um exemplo comum de leitura da mente no dia a dia é quando estamos conversando com alguém e interpretamos suas expressões faciais, tom de voz e linguagem corporal para inferir seus sentimentos ou pensamentos. Por exemplo, se um amigo entra em uma sala com os ombros caídos e um semblante triste, podemos inferir que ele está se sentindo para baixo ou preocupado com algo, mesmo que ele não tenha expressado isso verbalmente. Essa interpretação baseada em pistas não verbais é um exemplo de como usamos a leitura da mente em situações cotidianas para compreender melhor as emoções e intenções das pessoas ao nosso redor.

No conto “The Gift of the Magi”, de O. Henry, a leitura da mente realizada pelo leitor revela uma bela história de empatia. O casal protagonista, Jim e Della, enfrenta dificuldades financeiras durante a época natalina. Apesar de suas próprias limitações, ambos desejam presentear o outro de maneira especial. Della opta por vender seu precioso cabelo para adquirir um presente para Jim, enquanto ele sacrifica seu amado relógio de bolso para comprar algo para Della. Nessa trama, o leitor é convidado a compreender os sentimentos e pensamentos dos personagens, testemunhando a profundidade de sua empatia ao considerar os desejos um do outro. É através dessa leitura sensível das motivações dos protagonistas que somos levados a apreciar a nobreza de seus gestos e a importância da empatia em fortalecer os laços humanos.

Zunshine se refere à soma de estados mentais no texto como “estados mentais integrados” (*embedded mental states*, no original). Esses estados mentais não são explicitamente declarados, mas implícitos na história, exigindo que os leitores inferiam

e interpretem com base em pistas contextuais fornecidas pelo autor. A pesquisadora argumenta que esses estados mentais integrados enriquecem a narrativa, contribuindo para o desenvolvimento dos personagens, a progressão da trama e a exploração de temas subjacentes. Por exemplo, em um romance policial, o detetive pode inferir as intenções de um suspeito com base em suas ações e expressões faciais, demonstrando sua capacidade de teoria da mente. Em um conto romântico, os leitores podem interpretar os sentimentos de um personagem principal com base em suas descrições de pensamentos e reações emocionais, revelando estados mentais integrados na narrativa. Esses exemplos ilustram como a teoria da mente e os estados mentais integrados são fundamentais para a compreensão e apreciação da literatura, enriquecendo a experiência de leitura e a conexão emocional com a história e seus personagens.

Outro conceito utilizado pela pesquisadora é a metarrepresentação¹⁰, derivado do trabalho dos psicólogos evolucionistas Leda Cosmides e John Tooby. Ele se refere à capacidade dos leitores de acompanhar as diferentes camadas de informação em um romance, ou seja, acompanhar os estados mentais integrados. Ao ler obras de Jane Austen, por exemplo, os leitores exercitam essa habilidade, sendo capazes de perceber as mudanças na confiabilidade das representações fornecidas nos romances. Em *Orgulho e Preconceito*, a visão de Elizabeth Bennet sobre os personagens Sr. Wickham e Sr. Darcy muda ao longo da narrativa. No início, ela confia em Wickham e tem uma visão desfavorável de Darcy, influenciada pelas histórias contadas por Wickham. No entanto, à medida que a verdadeira natureza de Wickham é revelada e sua história é desacreditada, a visão de Elizabeth sobre Darcy também muda. Os leitores são levados a avaliar as informações apresentadas no texto, considerando as diferentes perspectivas dos personagens e do narrador. Assim, a metarrepresentação, conforme explicado por Zunshine, consiste em fazer julgamentos com base na teoria da mente, o que permite aos leitores interpretar e analisar as complexidades das relações entre os personagens e a trama.

Isso contribui significativamente para nossa compreensão do texto literário. Ao explorar como os autores embutem estados mentais complexos nas narrativas, obtemos

¹⁰ Refere-se à capacidade cognitiva humana de compreender não apenas o mundo externo, mas também as representações mentais dos outros indivíduos. Em essência, trata-se da habilidade de reconhecer e entender que outras pessoas têm suas próprias crenças, desejos, intenções e estados mentais distintos dos nossos. Por exemplo, quando uma pessoa reconhece que seu amigo tem a crença de que o parque é um lugar agradável para passar o dia, está utilizando a metarrepresentação ao compreender a perspectiva mental do amigo sobre o parque. Essa capacidade é crucial para a compreensão das interações sociais e formação de relacionamentos, permitindo antecipar as ações e comportamentos dos outros com base em suas representações mentais.

insights sobre o desenvolvimento cognitivo e a teoria da mente. No caso da literatura infantil, compreender como as crenças, intenções e emoções dos personagens são retratadas nas histórias nos ajuda a entender como as crianças percebem e interpretam os estados mentais dos outros, promovendo empatia e compreensão social. A presença de estados mentais integrados na literatura infantil também aumenta o engajamento do leitor e incentiva a interpretação crítica. As crianças são instigadas a analisar as motivações dos personagens, decifrar significados implícitos e inferir estados emocionais, desenvolvendo assim suas habilidades analíticas e interpretativas.

Além disso, a inclusão de estados mentais integrados adiciona camadas de complexidade à literatura infantil, tornando as narrativas mais cativantes e instigantes. Os leitores são desafiados a navegar por diferentes níveis de significado, aprimorando suas habilidades cognitivas e expandindo sua capacidade de compreender técnicas de narrativa mais nuanceadas. A exposição a histórias com estados mentais integrados também ajuda as crianças a desenvolver a inteligência emocional ao reconhecer e se solidarizar com os sentimentos e perspectivas dos personagens fictícios. Esse envolvimento emocional promove empatia, compaixão e uma apreciação mais profunda das complexidades das emoções e relacionamentos humanos. Por fim, analisar estados mentais integrados na literatura infantil aprofunda a apreciação dos leitores pela arte de contar histórias. Reconhecer as complexidades da psicologia dos personagens, da estrutura narrativa e da intenção do autor aprimora a competência literária dos leitores e promove um amor duradouro pela leitura e exploração literária.

Ao trabalhar especificamente com livros infantis, Zunshine (2019) faz referência a estudos que desafiam visões tradicionais sobre o desenvolvimento da teoria da mente em crianças, destacando como a compreensão delas sobre como perceber e atribuir estados mentais aos outros evolui ao longo do tempo. Ao analisar como os escritores inserem estrategicamente estados mentais em seus textos, ela demonstra como os leitores interagem com personagens, narradores e autores implícitos por meio de vários níveis de inserção, aprimorando sua compreensão da narrativa e seus efeitos pretendidos, decodificando os estados mentais inseridos. Além disso, ao considerar os fatores culturais e históricos que moldam as percepções dos leitores sobre ficção, Zunshine ressalta a importância do historicismo cognitivo para compreender a evolução da literatura infantil e como as expectativas dos leitores em relação a estados mentais complexos em narrativas se desenvolveram ao longo do tempo. A integração da história cultural enriquece a análise ao oferecer insights sobre como normas sociais, práticas

educacionais e tradições literárias influenciam a recepção e interpretação da literatura infantil, especialmente no que diz respeito à teoria da mente e estados mentais integrados.

A complexidade narrativa gerada pelos estados mentais incorporados na literatura infantil tem um impacto significativo no engajamento dos leitores e na apreciação da arte literária de diversas maneiras, pois desafia os leitores a se envolverem mais profundamente com a história. Ao acompanhar as emoções, pensamentos e intenções dos personagens, os leitores são incentivados a refletir sobre as motivações por trás das ações, a antecipar os desdobramentos da trama e a se conectar emocionalmente com os personagens. Isso aumenta o engajamento dos leitores, mantendo-os interessados e envolvidos na leitura. Por sua vez, essa complexidade narrativa, gerada pelos estados mentais incorporados, estimula a imaginação e a criatividade dos leitores. Ao explorar as nuances emocionais e psicológicas dos personagens, as crianças são desafiadas a visualizar cenários, a criar conexões entre os eventos da história e a desenvolver interpretações pessoais sobre os sentimentos e pensamentos dos personagens. Isso promove a capacidade de imaginação e a expressão criativa, enriquecendo a experiência de leitura.

Também a complexidade desses estados mentais incentiva os leitores a desenvolverem habilidades analíticas e interpretativas. Ao examinar as motivações dos personagens, as mudanças em seus estados mentais e as consequências de suas ações, as crianças praticam a análise crítica, a interpretação de subtexto e a avaliação de diferentes perspectivas. Isso fortalece a capacidade analítica dos leitores, preparando-os para uma compreensão mais profunda e crítica da arte literária. Por fim, contribui para uma apreciação mais profunda da arte literária. Ao mergulhar em histórias que exploram as complexidades da mente humana, os leitores desenvolvem uma sensibilidade para a riqueza emocional e psicológica das narrativas, valorizando a profundidade dos personagens, a sutileza das interações e a complexidade das mensagens transmitidas. Isso promove uma apreciação mais sofisticada da literatura e estimula o interesse contínuo pela leitura.

Esses estados mentais foram temas de pesquisa de Maria Nikolajeva.

LITERATURA INFANTIL E HABILIDADES COGNITIVAS

No livro *Reading for Learning* (2014), Maria Nikolajeva argumenta como a literatura pode funcionar como uma ferramenta para iluminar, transmitir conhecimento e construir cidadania para um público com capacidades cognitivas distintas. Nikolajeva define a crítica cognitiva como uma abordagem interdisciplinar que repensa a atividade literária, incluindo a interação entre leitores e obras literárias e o envolvimento do leitor. Em vez de categorizar leitores como crianças ou adultos, ela utiliza os termos “leitor iniciante” e “leitor experiente”, destacando a importância de leituras minuciosas focadas em atividades cognitivas, como aquisição de conhecimento, emoção e tomada de decisão ética. Ela argumenta que é essencial que educadores e estudiosos realizem leituras detalhadas focadas em atividades cognitivas específicas, fornecendo uma base teórica e aplicando-a a seu corpus. Essa abordagem, baseada em uma ampla gama de disciplinas acadêmicas, contribui para uma compreensão mais profunda e complexa da literatura infantil e do impacto que ela pode ter no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. As teorias literárias cognitivas são adaptadas para o contexto específico dos livros ilustrados ao explorar a interação entre texto e imagem para compreender como as emoções são representadas e interpretadas pelos leitores, estimulando a empatia, a capacidade de leitura mental e a interpretação das emoções dos personagens. Através da teoria cognitiva, os pesquisadores examinam como os leitores constroem significados emocionais a partir das representações visuais e textuais nos livros ilustrados, destacando a importância da interação entre os elementos multimodais na narrativa.

Nikolajeva apresenta o conceito de efrase emocional, que se refere às diversas maneiras como as emoções são representadas nos livros ilustrados por meio de uma combinação de texto e ilustrações. O artigo dedica atenção especial ao engajamento afetivo dos receptores com o texto e as imagens, enfatizando o papel da leitura da mente e da empatia na compreensão e interpretação das emoções retratadas nos livros ilustrados. Ao explorar como as emoções são retratadas e evocadas pela interação de palavras e imagens nos livros ilustrados, ela destaca os processos cognitivos e afetivos únicos envolvidos no envolvimento com essa forma particular de literatura. Essa adaptação da teoria literária cognitiva ao contexto dos livros ilustrados permite uma compreensão mais profunda de como os jovens leitores interpretam e respondem ao conteúdo emocional apresentado nessas narrativas visuais. O artigo sugere que a ficção,

incluindo os livros ilustrados, pode servir como um campo de treinamento para os jovens leitores desenvolverem suas habilidades de leitura mental e empatia. Através da interação de palavras e imagens nos livros ilustrados, os leitores são incentivados a se colocar no lugar dos personagens e interpretar seus estados emocionais, mesmo quando essas emoções podem não ser diretamente reconhecíveis.

Nikolajeva explora a literatura infantil como uma ferramenta que ensina as crianças, não de forma didática ou moralizante, mas como um encontro ético que pode expandir as habilidades cognitivas dos pequenos. Ela argumenta que a leitura nos afeta profundamente, moldando nossa maneira de pensar e agir, e que isso é especialmente verdadeiro para a literatura infantil. Ao longo de seu estudo, Nikolajeva destaca que a leitura nos torna melhores seres humanos, e que isso é algo que os mediadores da literatura infantil devem aproveitar ao máximo. Ela enfatiza que a ficção infantil, quando bem elaborada, desafia as crianças de maneira cognitiva e emocional, estimulando sua imaginação, memória, empatia e até mesmo a tomada de decisões éticas. Através da análise de textos infantis, ela busca entender por que a leitura tem esse poder transformador e como podemos aproveitá-lo da melhor forma possível.

O conceito de efrase emocional nos livros ilustrados desafia os leitores a se envolverem com as emoções dos personagens ao investigar seus estados mentais. Ao se conectar com os personagens em um nível emocional, os leitores podem desenvolver uma compreensão mais profunda das complexidades das emoções humanas e das considerações éticas relacionadas às ações dos personagens. As habilidades de leitura mental são estimuladas através da natureza multimídia dos livros ilustrados, onde os componentes visuais podem complementar ou contradizer as pistas verbais, aprimorando a capacidade dos leitores de inferir emoções e se identificar com os personagens. Em essência, a leitura mental e a empatia permitem que os leitores projetem suas próprias emoções nos personagens fictícios, criando uma ponte entre o mundo fictício e suas experiências pessoais. Esse processo de engajamento emocional melhora a capacidade do leitor de interpretar e responder ao conteúdo emocional apresentado nos livros ilustrados, enriquecendo sua experiência de leitura e promovendo uma conexão mais profunda com a narrativa.

Os livros ilustrados de Max Velthuijs, Shaun Tan, Anthony Browne e Maurice Sendak, todos estudados pela escritora, apresentam diversas maneiras de representar emoções por meio de palavras e imagens, utilizando uma combinação de texto e ilustrações para evocar e transmitir estados emocionais aos leitores. Esses autores

empregam diferentes técnicas para envolver os leitores nas experiências emocionais dos personagens, aprimorando a resposta afetiva às narrativas. Através de seus livros ilustrados, Velthuijs provavelmente utiliza uma combinação de ilustrações simples, mas expressivas, e linguagem direta para representar emoções de maneira clara e relacionável. O texto e as imagens trabalham juntos para transmitir os sentimentos dos personagens de forma eficaz, permitindo que os jovens leitores se conectem com o conteúdo emocional das histórias.

Por sua vez, os livros ilustrados de Tan, como *The Red Tree*, são conhecidos por suas imagens complexas e altamente ambíguas que transmitem emoções de maneira sutil. Tan pode depender de imagens simbólicas e metafóricas para representar estados emocionais, desafiando os leitores a interpretar e se envolver com a narrativa em um nível mais profundo além do texto apenas. Já Browne é reconhecido pelo uso de metáforas visuais e simbolismo para explorar temas emocionais complexos em seus livros ilustrados. Ao incorporar pistas visuais e detalhes sutis, Browne convida os leitores a inferir e interpretar as emoções dos personagens, incentivando uma experiência de leitura mais introspectiva e reflexiva. E os livros ilustrados de Sendak, como *Where the Wild Things Are*, apresentam ilustrações ricas e evocativas que capturam a essência emocional da história. Sendak pode usar uma combinação de imagens vívidas e texto escasso para transmitir uma variedade de emoções, permitindo que os leitores se envolvam nas jornadas emocionais dos personagens.

Assim, a interação entre texto e imagem nos livros ilustrados desempenha um papel crucial na compreensão e resposta emocional dos leitores, pois combina elementos visuais e verbais para transmitir e evocar emoções de forma mais rica e impactante. Essa interação contribui para a experiência de leitura emocional dos leitores de várias maneiras: o texto e a imagem muitas vezes se complementam, reforçando e ampliando a mensagem emocional transmitida. Enquanto o texto pode descrever as emoções dos personagens de forma explícita, as ilustrações podem visualizar essas emoções por meio de expressões faciais, linguagem corporal e cenários, enriquecendo a compreensão emocional dos leitores. Por outro lado, a interação entre texto e imagem também pode criar ambiguidade emocional, permitindo interpretações variadas e estimulando a reflexão dos leitores sobre as emoções representadas. Essa ambiguidade pode gerar uma resposta emocional mais complexa e envolvente, desafiando os leitores a explorar diferentes camadas de significado emocional na narrativa.

Nikolajeva (2014) nos mostra que a combinação de elementos visuais e verbais nos livros ilustrados estimula múltiplos sentidos dos leitores, envolvendo-os de forma sensorial e emocional na história. As ilustrações podem despertar emoções de forma imediata e visceral, enquanto o texto complementar fornece contexto e profundidade emocional, criando uma experiência de leitura mais envolvente e significativa. A interação entre texto e imagem também estimula a imaginação dos leitores, permitindo que eles preencham lacunas emocionais na narrativa e construam significados pessoais a partir das representações visuais e verbais. Essa participação ativa dos leitores na interpretação das emoções contribui para uma resposta emocional mais individualizada e pessoal aos livros ilustrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos notar, a integração dos estudos literários cognitivos com as pesquisas sobre a recepção da leitura oferece uma perspectiva enriquecedora e abrangente sobre a relação entre os leitores e os textos literários. Como destacado por Nikolajeva (2016), os estudos cognitivos podem impactar positivamente a pesquisa em literatura em várias frentes. Primeiramente, ao enfatizar a importância da leitura e da alfabetização em suas diversas formas, incluindo alfabetizações intelectual, social, emocional e ética, esses estudos destacam a riqueza de competências que a literatura pode desenvolver nas crianças. Além disso, ao reconhecerem a posição cognitiva única do leitor implícito e dos narradores ficcionais, esses estudos abrem caminho para uma compreensão mais profunda da interação entre leitor e texto. A compreensão das nuances da perspectiva do leitor implícito e das estratégias narrativas empregadas pelos autores pode lançar luz sobre como os leitores interpretam e se envolvem com a literatura. (Nikolajeva, 2016). Em conjunto, essas contribuições destacam o papel vital dos estudos literários cognitivos na ampliação do nosso entendimento da recepção de leitura infantil e na valorização da experiência literária como um todo.

Adicionalmente, como salientado por Zunshine (2022), a capacidade metarrepresentacional dos leitores desempenha um papel crucial na interpretação dos personagens e das narrativas literárias. Enquanto nossa teoria da mente nos permite atribuir pensamentos e emoções aos personagens e prever seu comportamento com base em pistas textuais, nossa habilidade metarrepresentacional nos permite discernir entre diferentes fontes de informação dentro da narrativa. Isso significa que podemos atribuir

valores de verdade diferenciados às representações provenientes de diferentes fontes, como personagens e narradores, em circunstâncias específicas. Essa capacidade não apenas enriquece nossa compreensão dos textos literários, mas também influencia nossa resposta emocional e cognitiva à narrativa, contribuindo para uma experiência de leitura mais rica e envolvente.

Além disso, conforme apontado por Kummerling-Meibauer e Meibauer (2013), os estudos cognitivos oferecem perspectivas valiosas sobre como a aquisição de linguagem e a apreciação da literatura interagem com outros processos cognitivos, como percepção visual e desenvolvimento emocional. Ao explorar como as crianças aprendem e internalizam conceitos por meio de livros ilustrados, os pesquisadores podem entender melhor como a literatura infantil molda não apenas o conhecimento cognitivo, mas também os aspectos emocionais e éticos do desenvolvimento humano. Por exemplo, ao examinar a aquisição de domínios conceituais através de livros ilustrados descritivos, que apresentam imagens de objetos cotidianos, os estudiosos podem identificar como as crianças categorizam e aprendem vocabulário (Kummerling-Meibauer; Meibauer, 2013). Da mesma forma, a investigação sobre a aquisição de conceitos morais, como mentir, através da literatura infantil pode fornecer insights sobre como as crianças desenvolvem habilidades relacionadas à teoria da mente e à compreensão ética. Essas descobertas têm implicações não apenas para a educação e o desenvolvimento infantil, mas também para a teoria literária, ao destacar a importância da literatura na formação integral das crianças.

Portanto, ao promover uma abordagem interdisciplinar e abrangente, os estudos literários cognitivos têm o potencial não apenas de enriquecer nossa compreensão da recepção de leitura, mas também de contribuir significativamente para o desenvolvimento contínuo da teoria literária e da psicologia cognitiva. Ao entender como os leitores interpretam, internalizam e respondem à literatura, os pesquisadores podem informar práticas educacionais mais eficazes e promover uma apreciação mais profunda e significativa da literatura infantil. Essa interseção entre literatura e cognição não apenas enriquece nosso entendimento da experiência literária, mas também destaca o papel essencial que a literatura desempenha no desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2009.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COHEN, Patricia. **Next Big Thing in English: Knowing They Know That You Know**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/04/01/books/01lit.html>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FISH, Stanley. Is there a text in this class?. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 36, 2001.

HENRY, O. **The Gift of the Magi**. Chicago: The World Publishing Company, 1945.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. **Learning from Picturebooks**. Londres: Taylor & Francis, 2015.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Towards a cognitive theory of picturebooks. **International Research in Children's Literature**, v. 6, n. 2, p. 143-160, 2013.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

NIKOLAJEVA, Maria. Emotions in picturebooks. In: Kümmerling-Meibauer, Bettina (Org.). **The Routledge Companion to Picturebooks**. Londres: Routledge, 2017. p. 110-118.

NIKOLAJEVA, Maria. **Reading for Learning**. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2014.

NIKOLAJEVA, Maria. Recent trends in children's literature research: Return to the body. **International Research in Children's Literature**, v. 9, n. 2, p. 132-145, 2016.

PURCELL, Joanne Marie. "Seeing the light": A cognitive approach to the metaphorical in picture books. **Children's Literature in Education**, v. 49, p. 356-375, 2018.

RICHTER, David. **The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends**. s/c: Macmillan, 2016.

STARR, G. Gabrielle. Cognitive Literary Criticism. In: RICHTER, David H. (Ed.). **A Companion to Literary Theory**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2018. p. 408-422.

TURNER, Mark. Poetry: Metaphor and the conceptual context of invention. **Poetics Today**, v. 11, n. 3, p. 463-482, 1990.

VALENTE, Thiago Alves; FERREIRA, Eliane Aparecida G. Ribeiro. Estética da Recepção: por uma proposta de pesquisa em Letras. In: PINTO, Francisco Neto Pereira; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MELO, Márcio Araújo de; AIRES, Diógenes Buenos. (Org.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 483-497.

VERMEULE, Blakey. **Why Do We Care About Literary Characters?**. Baltimore: JHU Press, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Leitura na escola – entre a democratização e o cânone. **Revista Literatura em Debate**, v. 11, n. 21, p. 20-39, jul./dez. 2017.

ZUNSHINE, Lisa. **The Secret Life of Literature**. Cambridge: MIT Press, 2022.

ZUNSHINE, Lisa. What Mary Poppins Knew: Theory of mind, children's literature, history. **Narrative**, v. 27, n. 1, p. 1-29, 2019.

SOBRE OS AUTORES

Guilherme Magri da Rocha

Guilherme é graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde também concluiu os cursos de mestrado e doutorado em Letras, dentro da linha de Literatura Comparada e Estudos Culturais. Suas pesquisas de iniciação científica, mestrado, doutorado e estágios de pesquisa no exterior foram financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Sua tese foi submetida ao Prêmio CAPES de Tese pelo PPG do qual é egresso. Dedicou-se principalmente aos seguintes temas: literatura infantil e juvenil, leitura, formação de leitores, literatura e ensino de língua estrangeira, crítica feminista, e literatura de língua inglesa em geral. Atuou como estudante visitante na Universidade de Aveiro (UA, Portugal) e como pesquisador visitante na Texas A&M University (TAMU, Estados Unidos). Sob os auspícios do governo alemão, conduziu pesquisa na Internationale Jugendbibliothek (IJB). É membro dos Grupos de Pesquisa "Narrativas Estrangeiras Modernas", "Leitura e Literatura na Escola" e "Literatura Juvenil: Crítica e História". Participa da International Research Society for Children's Literature (IRSCL), que já o premiou e facilitou parcerias com professores das universidades de Middlesex (Inglaterra) e Malmö (Suécia). Atuou como professor contratado na UNESP, na UENP e no IFSP. Recentemente, desempenhou o papel de avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/MEC), atuou como consultor no Programa Foreign Language Teaching Assistant (FLTA) da Comissão Fulbright Brasil, e recebeu o prêmio Altamente Recomendável da FNLIJ pela coletânea "Literatura premiada para crianças e jovens: da composição à sensibilização", na qual é coautor. Atualmente, é aluno do PPG em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde realiza seu estágio de pós-doutorado na linha de Crítica Literária: Tradição e Novas Perspectivas Estético-Culturais e professor por tempo indeterminado no Serviço Social da Indústria.

E-mail: guilherme.magri@unesp.br

Diana Navas

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP e graduada em Letras pela Universidade do Grande ABC. Realizou pós-doutorado na Universidade de Aveiro e, atualmente, ministra aulas no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária e no Programa de Língua Portuguesa da PUC-SP, e também nos cursos de graduação da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. É bolsista produtividade CNPQ, líder do Grupo de Pesquisa "Literatura Juvenil: questões teóricas e práticas de leitura", membro do GT da Anpoll "Leitura e Literatura infantil e juvenil", e coordena os cursos de extensão "Entre a escrita e a escuta: literatura e humanização" e "Práticas de leitura do texto literário e a formação do leitor". Atua, principalmente, nos seguintes temas: romance contemporâneo brasileiro e português, metaficção, crítica literária, tendências da literatura juvenil, literatura inclusiva e literatura e educação.

E-mail: diana.navas@hotmail.com

Artigo recebido em 30/05/2024.

Artigo aceito em 20/08/2024.